



DINÂMICA SOCIAL DA FRONTEIRA E SEUS EFEITOS NA LINGUAGEM

Ivene Carissini da Maia (UNaM)¹
maiaivene@gmail.com

Simone Maria Triches (UNaM)²
simonetriches@gmail.com

RESUMO: Este artigo³ apresenta avanços dos estudos que vêm sendo realizados sobre a variedade de português de fronteira da Província de Misiones. São pesquisas realizadas no projeto que está sendo desenvolvido na Secretaria de Pesquisa da Universidade Nacional de Misiones: *El portugués de la provincia de Misiones: lenguas y culturas en contacto*⁴. Primeiramente se introduzirá a contextualização geral relacionada ao fenômeno resultante da proximidade e o contato entre o português e o espanhol em fronteiras entre o Brasil e países hispano americanos. Seguidamente se focalizará a Província de Misiones e se apresentará as características e a história do surgimento desta variedade de português. Estas informações estarão baseadas na literatura sobre estudos feitos nessa região. Finalmente se centrará na dinâmica sócio-cultural da fronteira, que compõe espaços/zonas peculiares de interação, que conecta universos significativos diferentes, porém, convergentes em uma semiosfera com possibilidades próprias e peculiares de enunciar.

PALAVRAS CHAVES: português; espanhol; portunhol; contato; fronteira sociolinguística

RESUMEN: Este trabajo presenta avances de los estudios que se vienen realizando sobre la variedad de portugués de la frontera de la Provincia de Misiones. Son investigaciones inscriptas en la Secretaria de Investigación de la Universidad Nacional de Misiones, en el proyecto: *El portugués de la provincia de Misiones: lenguas y culturas en contacto*. Primeramente se introducirá la contextualización general relacionada al fenómeno resultante de la proximidad y el contacto entre el portugués y el español en fronteras entre Brasil y países hispano americanos. Seguidamente se focalizará a la Provincia de Misiones y se presentará las características y la historia del surgimiento de esta variedad de portugués. Estas informaciones estarán basadas en la literatura sobre estudios hechos en la región. Finalmente se centrará en la dinámica socio-cultural de la frontera, que compone espacios/zonas peculiares de interacción, que conectan universos significativos diferentes, sin embargo, convergentes en una semiósfera con posibilidades propias y peculiares de enunciar.

PALABRAS CLAVES: português - español – portuñol - contacto – frontera.

¹ Mestre em Educação Universitária - Professora Titular Regular no Curso de Graduação de Professores de Português da Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade Nacional de Misiones.

² Especialista em Educação Superior - Professora Adjunta Regular no Curso de Graduação de Professores de Português da Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade Nacional de Misiones.

³ Este artigo é uma tradução do artigo publicado em idioma espanhol nos anais das Jornadas de Investigadores 2015: “Fronteras y liminaridades. Espacios de diálogo, confrontación y descubrimiento” organizadas pela Secretaria de Investigación de la UNaM. Disponível em: <http://www.fhycs.unam.edu.ar/jinvestigadores/>.

⁴ Projeto de pesquisa dirigido pela professora Mgter. Ivene Carissini da Maia.

Fronteiras de países hispanos com o luso brasileiro

A proximidade do Português e Espanhol e a mistura derivada do contato entre ambas as línguas é história muito antiga, começou na Península Ibérica e aconteceu também na América, em muitas das fronteiras entre o Brasil e os países onde se fala espanhol.

Em muitas das comunidades fronteiriças hispanas, surgiram dialetos com características que variam de acordo com a história e culturas locais. O linguista Lipski tem realizado pesquisas em várias localidades de fronteira, desde a Venezuela ao Uruguai e diz que é comum os hispânicos manifestarem níveis de proficiência em português, tanto de compreensão quanto de expressão oral, no entanto, menciona que *dentro do Brasil fala-se o português exclusivamente, sem traços de contato com o espanhol*. (LIPSKI, 2011:85). No Paraguai, na fronteira com o Mato Grosso do Sul se intensifica o uso do Português ou variedades do mesmo, até existe o termo *brasiguayos*, com o qual são identificadas as pessoas dessas comunidades de fala.

Entre as situações mais estudadas está o caso do Uruguai, onde a transcendência da dinâmica de fronteira tem sido foco dos linguistas desse país por muitas décadas. RONA, em 1859 já realizava pesquisas sobre o que designou *Dialecto fronterizo*, mais tarde batizado por ELIZAICÍN Y BEHARES (1981) como *Dialectos Portugueses del Uruguay* (DPU).

Na fronteira da Argentina com o Brasil, também ocorre o mesmo fenômeno mencionado por LIPSKI (o.p cit.) no lado brasileiro praticamente não se fala espanhol, no entanto, na Argentina se observa a presença do português em diversas situações. Em localidades da província de Corrientes a maioria das pessoas, embora não falem, contam com proficiência receptiva, pois é comum observar as famílias assistindo os canais de televisão brasileira e no comércio ou lugares turísticos é habitual os argentinos conversam em português com os brasileiros.

Situação semelhante ocorre em Puerto Iguazú, Misiones, porém, em outras localidades como Andresito, San Javier, Alba Posse, Panambí, San Antonio, a presença



de bilíngues é massiva, em lugares como El Soberbio onde “A *língua portuguesa predomina no povo e nas colônias agrícolas; é a cidade de Misiones de maior presença do português na vida pública*, LIPSKI (o.p cit. 88).

Na maioria dos lares destes povos mencionados a língua materna é o Português Missioneira de Fronteira – **PMF**. Devido às diversas maneiras em que nomeado pelas próprias comunidades de fala (portunhol, língua da fronteira, brasileiro, entre outros); a fim de englobar e simplificar se optou por empregar a sigla **PMF**.

Sócio gênese do PMF

O Português de Misiones já vem sendo estudado há alguns anos, a pesquisadora CAMBLONG em seu ensaio “*Habitar la frontera, un viaje perpetuo a lo paradójico*” caracteriza a semiosfera fronteiriça e define o Português falado na província:

“En el otro extremo del río Uruguay, la presencia hegemónica y masiva del portugués barre toda la extensión hasta Iguazú. La población, hasta tercera o cuarta generación argentina, habla portugués en la vida comunitaria y familiar. El famoso portuñol, no es un dialecto estandarizado, sino una mixtura con base de portugués, que si bien presenta algunas irregularidades, lo más ajustado sería reconocer que las interferencias del español resultan aleatorias, según el hablante, el tema, la situación, etc.” (2002:17)

Em estudos realizados sobre o falar de alunos da Universidade Nacional de Misiones procedentes da fronteira, MAIA (2006)⁵ descreve essa variedade de Português, como semelhante ao português não-padrão do Brasil, que por coexistir no mesmo contexto com o espanhol, adotou desta língua palavras e características fonéticas.

A hipótese da semelhança surge do cotejo das mostras com os trabalhos de TARALLO (1994), ORLANDI e GUIMARÃES (1989), que comparam discursos urbanos com rurais. Ao ler os discursos rurais nota-se a semelhança com a variedade missioneira. Também foram fundamentais as descrições de variedades não escolarizadas

⁵ Tese de Mestrado: dirigida pela Dra. Ana María Camblong.

apresentadas pelo filólogo BAGNO (1999, 2000, 2001) bem como, suas teorias que explicam, desde uma abordagem história e social, as mudanças fonéticas e as características morfossintáticas do português não-padrão. Estas teorias além de possibilitar contrastar também têm ajudado analisar as mudanças do PMF.

Para entender a história da existência desta variedade na província de Misiones, foi importante conhecer sua história no Brasil, de acordo com BERTONI-RICARDO, a existência das variedades não escolarizadas tem uma herança muito antiga:

“O contato de línguas, a ausência de um sistema educacional e a ínfima circulação de textos escritos em português, já que até 1809 era proibida na Colônia qualquer atividade de imprensa, contribuíram para formar no Brasil uma variedade dialetal de português oral, muito distinta da língua falada e escrita em centros urbanos em Portugal, e posteriormente no Brasil.” (2014: 32)

Estas variedades se mantêm devido a existência de grandes diferenças entre classes sociais, ILARI e BASSO explicam que: “É o fenômeno que os lingüistas chamam de **variação diastrática** (etimologicamente: o tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população). Referida às vezes como “**português subpadrão** ou português **sub-estándar.**” (2006:145)

A busca na literatura dos lingüistas brasileiros fez possível a interpretação de o porquê da existência de uma variedade de português de fronteira semelhante a variedades não padrão do Brasil. Imigrantes crioulos brasileiros e imigrantes europeus que moraram algum tempo no Brasil antes de vir para a Argentina formam uma elevada percentagem da composição sócio gênese da província. Esta informação está baseada em estudos de antropologia, ABÍNZANO é um dos pesquisadores que estudou a imigração, e a conformação dos primeiros povoados e empreendimentos do território missioneiro:

“...Bounix, si bien de origen francés (había emigrado primero a Brasil como tantos otros extranjeros que después de aquella primera etapa cruzaron la frontera hacia Argentina), hablaba portugués ...allí la mayoría de los peones eran brasileños y paraguayos pero se hablaba con preponderancia el portugués.” (ABÍNZANO, 1985: 412)



Estas pesquisas possibilitaram conhecer a conformação étnica e social dos imigrantes, que por várias décadas atravessaram a fronteira para se estabelecer na Província, eles provinham das áreas rurais e a maioria deles eram peões e pertenciam a uma classe social não escolarizada e trouxeram consigo o português não escolarizado.

Naquela época, não se estudava Português nesta região, os filhos desses colonos que freqüentavam a escola, eram alfabetizados em espanhol. Desta maneira o PMF seguiu seu curso de língua ágrafa, com as características do português falado por esses imigrantes e trabalhadores rurais.

Caracterização do PMF

Esta variedade lingüística emerge nas comunidades como uma "mistura" vitalizada pelo uso constante nas periferias e zonas rurais. Pode ser considerada uma variante fronteiriça, que, por sua vez, tem características de um dialeto híbrido, por estar matizada com espanhol. É a "língua mãe" de muitos sujeitos, porque com essa variedade adquiriram a linguagem primária no seio familiar. Por esta razão, para o sentimento lingüístico dos seus falantes é uma língua, uma língua de uso corrente, do lar e da vizinhança.

O PMF é uma língua oral, ágrafa, com um sistema independente e diferente do outros, mas carece do status de língua por não dispor de normas para a escrita, nem é veículo da tradição literária, como o espanhol ou o português. No entanto, a partir da escuta e análise, é possível ver que sua heterogeneidade é aparente, pois tem níveis de sistematização e regularidades, tem estrutura e regras, caso contrário, seria impossível a comunicação entre os usuários.

A coexistência do PMF e o espanhol geram uma situação de diglossia, fenômeno próprio de comunidades bilingues ou multilingues, em que cada uma das línguas desempenha um papel social nas vidas diárias dos falantes. Assim, enquanto o PMF é a



língua do lar, o espanhol é a língua oficial e de comunicação em espaços públicos: bancos, escritórios, escolas, hospitais, etc.

É importante ressaltar que aqui a noção de status e sentimentos positivos ou negativos que os falantes alimentam em relação às línguas ou variedades linguísticas:

“normalmente los hablantes de una comunidad diglósica piensan que A es una lengua superior, más elegante, más lógica y se piensa que B es inferior, incluso hasta llegar al punto de negar su existencia.”
FASOLD (1996:76).

A este respeito, note-se que tanto dentro das comunidades de fala, como fora delas, se forjou uma representação profundamente enraizada de inferioridade e deficiência, devido a que esta língua de fronteira está na suposta condição de "mistura".

A trama linguístico-cultural

Além da dinâmica do tráfego fronteiriço, os imigrantes ou descendentes de imigrantes brasileiros, se vinculam constantemente de uma ou outra forma com o Brasil. A maioria dos habitantes da região compartilhe com parentes ou comunidades brasileiras uma série de hábitos, crenças, gostos, tradições e estilos de vida. Nota-se nas festas, na moda, na música, nos jogos, na vida dentro de casa, em suas anedotas e causos, entre outros. Um dos hábitos frequentes é o de assistir a televisão brasileira, pois a sua presença nos lares é massiva.

A partir da interação com falantes de PMF, em função das atividades de campo, a equipe ingressou na complexidade de um espaço físico-cultural, onde se observa como a trama social do contato entre culturas permeia o contexto e se evidencia na linguagem. Para exemplificar, serão apresentados textos e situações registradas nas imediações da localidade de El Soberbio:

Ao conversar com os moradores se pode perceber que se identificam entre vizinhos da seguinte maneira: “*aqueles que moram lá mais pra cima são castenhano e esses dali, são brasileiro”*. Ao escutar estas expressões o imaginário imediatamente leva a pensar que significa: “nós somos brasileiros e eles são argentinos”. Porém, logo depois dos esclarecimentos dados pelos falantes, se conclui que não se referem à nacionalidade, senão, à identidade linguística, pois as explicações giram em torno a: “*Eles falam castenhano*”, “*Eles falam brasileiro*”.

Em diálogos que envolvem vocabulários da flora e da fauna, bem como da toponímia é comum escutar mais de um nome para o objeto ou ser, um dado pela língua oficial e o outro dado pelo PMF. Com respeito à toponímia nota-se na denominação das paragens:

Nome oficial	Nome popular
Paraje Mariano Moreno	Paraje Sarandi (Tipo de árvore)
Paraje Fray Luis Beltrán	Paraje Capim Largo (Grama tupida e alta utilizada como planta forrageira) ou Paraje Bananera
Paraje Martín Güemes	Paraje Barrerinho (Um sobrenome com o sufixo <i>inho</i> normalmente empregado como diminutivo no português)

Em quanto à palavra “paraje” se pronuncia com a fonética do espanhol, contrario ao nome popular que se pronuncia com a fonética do português.

Em toda a região de fronteira são constantes as placas e avisos de particulares ou comércios em português, no entanto, a imagem que segue é de uma placa oficial:



Arroyo Pesiguero

Ao procurar em dicionários de espanhol, nada foi achado que possa identificar a palavra “pesiguero”. Segundo os moradores ali existia antigamente um “*duraznero*”, nome que traduzido ao português se escreve *pessegueiro*, é a árvore do *pêssego*.

Nota-se uma provável interinfluência de ambas as línguas, pois o sufixo “eiro” do português corresponde ao “ero” do espanhol. Desta maneira há uma provável fusão de *pesseg* + *ero*, com a mudança de /e/ em /i/ na segunda sílaba por metátese⁶. No entanto, se deve considerar que no português não escolarizado do Brasil, também se escuta esta palavra com a pronúncia *ero* = /pesiguero/.

Outro aspecto que representa esse espaço em que duas culturas se permeiam é a maneira de nomear as pessoas, animais e mascotes. Na mesma família é comum escutar alguns nomes em espanhol e outros em português. Como exemplo mencionaremos o caso de uma das famílias entrevistadas, o casal tem cinco filhos: Roni, Solange (pronúncia do português), Cesar, Vanda (pronúncia do português), Enrique. No mesmo

⁶ Mudança linguística que consiste na troca de lugares de fonemas ou sílabas dentro de um vocábulo.



lar observou-se o mesmo proceder para com os animais, que são chamados da seguinte maneira: Chiquito, Paloma, Faísca, Fofa, Lobo.

Estas são algumas das muitíssimas situações que representam a interinfluência linguístico-cultural própria do viver em um âmbito onde se conectam universos significativos diferentes, cuja língua dos moradores é um claro referente. Isto é advertido por pessoas de fora como uma situação altamente complexa, porém, para os moradores da fronteira são situações totalmente naturais. Dito de outra maneira, eles pertencem a comunidades com uma unidade de modalização, de configuração de uma cultura híbrida, que implica uma identidade discursiva, cuja razão de ser, geralmente, não é uma preocupação para estes falantes.

Espanhol e PMF: alternância de códigos

A partir das entradas ao campo para a realização das atividades de pesquisa foram registradas diferentes situações, em que ocorrem na mesma fala flutuações entre os códigos linguísticos. Os dados que serão apresentados a continuação são interpretações aproximativas, pois serão descritos e analisados com maior profundidade, conforme avancem as atividades de pesquisa.

O “aparente” caos linguístico, devido a falas que flutuam entre sistemas linguísticos ocorre segundo contextos de interação. Quando se escuta uma conversa entre integrantes de uma família ou entre vizinhos da mesma comunidade, cuja língua materna é o PMF, todos usam a mesma sintaxe e fonética. No entanto, os discursos dessas mesmas pessoas apresentam variações ao interagir em outros contextos, fora do ambiente familiar ou da vizinhança.

Muitos dos habitantes das zonas rurais, que pertencem a comunidades de fala do PMF, raramente têm a necessidade de falar espanhol, principalmente as pessoas de mais idade. Por esta razão é comum encontrar argentinos ou imigrantes brasileiros que estão na Argentina há muitas décadas, que praticamente não falam espanhol. Como raras



vezes precisam falar nesse idioma, somente quando vão à prefeitura, bancos ou hospitais, sobre uma base da estrutura linguística do português introduzem orações e vocabulário do espanhol.

Esta estratégia linguística acontece sempre que uma pessoa tenta falar uma língua que não maneja bem, por exemplo, quando os sujeitos estão aprendendo um novo idioma e passa por uma fase que se chama *interlíngua* - ALMEIDA FILHO (1995). O conceito de *interlíngua*, do campo da Linguística Aplicada, é bastante utilizado em temáticas relacionadas com o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, se refere à penetração de regras da língua nativa à língua alvo ou a geração de regras particulares de cada indivíduo a partir da fusão de palavras das duas línguas. Deste modo se pode dizer que os moradores das zonas rurais, que têm para o uso cotidiano o PMF e não apresentam um bom desempenho linguístico no espanhol produzem *interlíngua*, quando precisam falar espanhol.

Outros elementos que entram em jogo são a insegurança do falante, os sentimentos de vergonha determinados pela percepção de sinuosidades ao falar, que CALVET (2002) chama *colage*, a pronúncia de enunciados bilíngues, com a passagem de elementos de uma língua para a outra, mistura de línguas ou alternância de códigos.

Nos povoados e cidades se concentram os órgãos públicos, o comércio, os hotéis e lugares de passo, onde normalmente se fala espanhol, porém, é normal escutar os comerciantes falando o PMF com os colonos, o médico com os pacientes, a patroa com a empregada, porque faz parte da cultura do lugar. Nestes lugares onde a alternância de códigos se intensifica e a maioria das pessoas são bilíngues coordenadas

Por tanto, em contextos urbanos é onde mais se podem observar falas que não obedecem a um único sistema linguístico. Apesar disso é importante destacar aqui a naturalidade com que este tipo de situações acontece o tempo inteiro.

Também se observou casos de pessoas que tem o PMF como língua materna, e que por algum motivo o espanhol passou a ser seu idioma principal. Quando esses sujeitos falam em PMF, geralmente, têm muita influência do espanhol na sua fala.



Conclusão

Esta pesquisa está em etapa inicial, atualmente a equipe está propondo critérios para os instrumentos de coleta de dados e instrumentos para a análise das mostras. Para a parte de variações que acontecem por ocasião de diferentes contextos de fala, se pretende empregar a teoria de redes sociais da antropologia cultural. De acordo com BERTONI-RICARDO, “Uma rede social é concebida como o conjunto de vínculos de qualquer tipo que se estabelece entre as pessoas de um grupo.” (2006:130) segundo a autora, este conceito é aplicado na sociolinguística para medir a densidade das redes de *tessitura miúda* e *tessitura larga*. Quando se fala de *tessitura miúda* se refere ao uso da linguagem no imediato, ou seja, no cotidiano familiar – ali há um uso constante e contínuo e a *tessitura larga* está referida ao diálogo casual, por necessidade - é intermitente e ocasional.

A sociolinguística se baseia no paradigma de redes para melhorar a definição de comunidades de fala. Por esta razão, se considerou adequado para interpretar o contexto de comunidades de fala do PMF. Primeiramente, a dicotomia entre comunidades rurais e sociedades urbanas. Quando as pessoas se comunicam em PMF o tempo todo – no caso das comunidades rurais, a pressão das regularidades são maiores, então a densidade da *tessitura é miúda*. Nas comunidades urbanas a *tessitura* pode ser *larga* ou ter diferentes densidades.

Bibliografia

ABÍNZANO, Roberto Carlos. Procesos de integración de una sociedad multiétnica: La Provincia Argentina de Misiones. Tesis Doctoral. Departamento de Antropología y Etnología de América. Universidad de Sevilla, 1985.

ALMEIDA FILHO, J. C. Português para estrangeiros interface com o espanhol. Campinas, SP: Pontes, 1995.



ALVAREZ, Isaphi Marlene. Jardim Falar apaisanado: uma forma de designar as línguas na fronteira. *Letrônica*. v. 4 , n. 2 , p.104-120, 2011.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo, Parábola Editorial, 2001.

_____. *Língua materna: letramento, variações e ensino*. São Paulo, Parábola, 2001.

_____. *A língua de Eulália. Novela sociolinguística*. Editora Contexto, São Paulo, 2000.

_____. *Preconceito linguístico. O que é? Como se faz?* Edições Layola, São Paulo, 1999.

BEHARES, Luis. *Portugués del Uruguay y educación fronteriza in PORTUGUÉS DEL URUGUAY Y EDUCACIÓN BILINGÜE*. Montevideo. Administración Nacional de educación Pública.

BERTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

BRAZ, Evódia de Souza. *Identidades linguísticas em contexto de fronteira. Apresentando uma pesquisa em andamento*. ANAIS DO SETA, Número 3, 2009.

CALVET, Jean Louis. *Sociolinguística, uma introdução crítica*. SP. Parábola, 2002.

_____. *Las políticas linguísticas*. Bs. As. Edicial, 1996.

CAMBLONG, Ana Camblog. *Mapa semiótico para la alfabetización intercultural en Misiones*. Posadas, UNaM – FH y CS, Secretaría de Investigación y Posgrado – Programa de Semiótica, 2005.

_____. *Habitar la frontera, un viaje perpetuo a lo paradójico*, 2002.

_____. *Tipología e indicadores linguísticos de los ingresantes al nivel primario en Misiones*, 1985.

_____. *Iniciación del diálogo escolar en un espacio de culturas en contacto. En Proyecto Aspectos Semióticos en un Espacio de Culturas en Contacto (PASECC)*, 1985.

_____. *El lenguaje: patrimonio nacional*, 1977.

ELIZAICIN, A.; BEHARES, Luis y BARRIOS, G. *Nos falemo brasileiro. Dialecto Portugueses del Uruguay*. Montevideo: AMESUR, 1987.

ELIZAINCIN, A. *Dialectos en contactos español y portugués en España y América*. Monte Video, Editora Arca, 1985.

_____. *Algunos aspectos de la sociolinguística del dialecto fronterizo*. Montevideo, MIMEO, 1973.

FASOLD, R. *La sociolinguística de la sociedad: introducción a la sociolinguística* . Madrid, Visor Libros, 1996.



FISHMAN, Joshua. Sociología del lenguaje. Madrid, Cátedra, 1979.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. O português da gente. A língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

ILARI, Rodolfo. Lingüística Românica. São Paulo, Ática, 1992.

LABOV, W. Modelos sociolingüísticos. Madrid, Cátedra, 1983.

LIPSKI, John M. Encontros Fronteiriços Espanhol-Português. Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE – Campus de Foz do Iguaçu. V. 13 N° 2 P. 83-100, 2° Semestre, 2011.

MAIA, Ivone Carissini da. “Intercambios lingüísticos de fronteira: incidência no falar dos alunos do curso de português da U.N.a.M. ”. PERSPECTIVA. Publicação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguay e das Missões. Erechim/RS, Brasil. EdIFAPES. N° 96, Dezembro, 2002.

_____. Intercambios lingüísticos de frontera: incidencia en el hablar de los alumnos del Profesorado en Portugués de la UNaM - Tesis de Maestría en Docencia Universitaria. Oberá, Facultad de Ingeniería – UNaM, 2005.

_____. Bilingüismo e Interculturalidad: el caso del portuñol. Anais I Congreso del MERCOSUR de Interculturalidad y Bilingüismo en Educación. Ministerio de Cultura y Educación de la Provincia de Misiones, 2005.

LOTMAN, Iuri M. La Semiósfera I, Semiótica de la Cultura y del Texto – Ediciones Cátedra, Madrid, 1996.

FRANK KERSCH, Irena. Aspectos identitários e de atitudes dos falantes bilíngües da região da fronteira do Uruguai com o Brasil – Os dados do ADDU, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2000.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras. Cienc. Cult. vol.57 no.2 São Paulo Apr./June, 2005.

_____. “Fronteiras e práticas lingüísticas: um olhar sobre o portunhol”, in Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana. RILI, volume I (3) Madri: editorial Vervuert, 151-160, 2004.

TARALLO, Fernando. Pesquisa Sociolinguística. São Paulo: Editora Ática, 1994.

TARALLO, Fernando; ORLANDI, Eni P.; GUIMARAES, Eduardo. Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

Recebido Para Publicação em 30 de novembro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 18 de abril de 2017.